

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

RACHEL REIS DA SILVA

EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS:
um olhar sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de
Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão

João Pessoa – PB
Dezembro 2017

RACHEL REIS DA SILVA

EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: um olhar sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão

Trabalho de Conclusão de Curso apresenta do à Universidade Federal da Paraíba, Campus I, em cumprimento aos requisitos para obtenção de certificado de conclusão do Curso de Especialização em Educação do Campo

Orientador (a): Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca

João Pessoa – PB
Dezembro 2017

S586e Silva, Rachel Reis da.

Educação do campo e o uso das tecnologias digitais: um olhar sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão / Rachel Reis da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

41f.

Orientador: Fábio do Nascimento Fonsêca

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização em Educação do Campo) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Tecnologia. 2. Educação do campo. 3. Educação tecnológica. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37:004(043.2)

RACHEL REIS DA SILVA

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS: um olhar
sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil e
Ensino Fundamental João Bernardo Semeão**

Aprovado em...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

Fábio do Nascimento Fonsêca

Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca

Orientador – UFPB

Ana Paula Romão de Souza Ferreira

Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

Examinadora - IFPB

Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Examinadora - UFCG

Este trabalho aos meus pais, ao meu Bando de Loucas Favorito meu fechamento são vocês, a minha família e especialmente a minha Tia Vera Lucia que tem a experiência de uma vida toda, expressada em um sorriso.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre me guiando, protegendo-me e dando-me coragem para enfrentar todas as dificuldades que me foram impostas durante este ano de curso, que foi um ano de mudanças, descobertas, fechamento de círculos, decepções e muitas, muitas risadas.

Agradeço a minha mãe Mary Sanday pelo simples fato de ser minha companheira de vida, ao meu pai Jose Carlos a quem tenho uma coisa importante a dizer (Pai, eu não desisti!), as minhas avós Geralda e Mocinha que não importa quantos TCCs, Monografias, Teses ou Livros eu tenha que escrever ao longo da vida elas sempre serão citadas, aos meus irmãos que mesmo distantes estão sempre por perto, pois eles vivem em meu coração Tony, Carla e Matheus (Peu) Amo vocês.

Aos meus orientadores Ana Paula Romão que me impulsionou e me mostrou que era capaz de escrever mais um TCC ao professor Dr. Fabio Fonsêca que acreditou que mesmo sendo uma orientanda fantasma, terminaria o trabalho de conclusão de curso - TCC, faltando uma semana e tendo apenas cinco páginas escritas sim eu estou me superando em escrita dinâmica. Gostaria também de agradecer a todos os professores que estiveram comigo ao longo desse ano em especial as Professoras Doutoras Deyse Morgana, Ivanalda e Ana Paula Romão quando eu crescer quero ser igual a vocês.

Ao Meu Bando de Loucas Favorito Príncipe a você dedico meu segundo capítulo, pois essa entende tudo de Educação do Campo, Pé de Ouro, Secretária, Ex Buchuda Traíra e a Filha do Bobs, vocês foram donas das minhas maiores risadas, chego a ficar em abstinência quando não as vejo grata por me permitirem fazer parte deste grupo e por me estimularem a Continuar a Nadar nesse finalzinho.

A Wanderlane Cândida por representar quem ela representa em minha vida, a Hanelle Galvão na esperança de aparecer no dele já que esse é o meu segundo que ele aparece e Fabiano Silva por me ensinar a fazer bombons deliciosos.

Agradeço ao meu marido e companheiro Carlos Marques por me incentivar a ir às aulas e por ter paciência para aturar minhas ausências e chiliques por conta desse TCC.

E aos meus pequenos que não podia deixar de serem citados aqui vocês vão sempre estar em meu coração, pois foi ao longo deste ano e ao lado de vocês que descobri o que é ser Professora e o quanto eu gosto da Educação Infantil.

Minha Gratidão Eterna a Todos...Agora continuarei Seguindo em Frente.

“Aqui, no entanto, nós não olhamos para trás por muito tempo. Nós continuamos seguindo em frente, abrindo novas portas e fazendo coisas novas, porque somos curiosos. E a curiosidade continua nos conduzindo por novos caminhos. Siga em Frente”.

Walt Disney.

SILVA, Rachel Reis da. **EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**: um olhar sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão, 2017. Monografia [Especialização em Educação do Campo], Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

RESUMO

A nossa delimitação no objeto de estudo é pesquisar o uso das tecnologias de forma multidisciplinar, quanto à estrutura e funcionamento, mesclando não somente os conhecimentos escolares, como também os interesses e conhecimentos prévios dos estudantes. O objetivo geral ficou definido em: analisar como vem sendo utilizada as tecnologias digitais na escola do campo Escola Municipal De Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão. E procuraremos identificar e compreender quais são as suas principais dificuldades com relação ao uso das tecnologias. Nossa pesquisa empírica é realizada em uma escola do sítio que é referência em educação tecnológica no município de Riachão do Poço, Paraíba. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, quanto aos instrumentos de coleta de dados utilizamos entrevistas com a gestora escolar e observação das organizações curriculares nas práticas pedagógicas da escola, inserida em território camponês. Nossas análises são realizadas de forma descritiva dos recortes selecionados da entrevista. Na contemporaneidade a tecnologia, e todas as transformações trazidas por elas, têm feito parte da vida das pessoas, e a escola não pode ignorar esse fato, e deixar de enxergar e de lançar mão de tal situação, para complementar o processo educacional. Pois, o uso da tecnologia pode sim reforçar o processo educativo, por meio da internet os estudantes podem apresentar como é a sua vida no campo, seus interesses e apontar desejos para uma escola que envolva a sua realidade. As tecnologias asseguram a difusão rápida de materiais didáticos e de informação de interesse dos professores, pais e alunos além de proporcionar a construção interdisciplinar de informações produzidas individualmente ou coletivamente por parte dos alunos e o desenvolvimento colaborativo de projetos por parte de alunos pertencentes a escolas diferentes, sítios e comunidades geograficamente afastadas auxiliando assim informação a transcender os limites territoriais impostos pelas paredes de uma sala de aula. Os resultados apontam que apesar de existir uma estrutura com aparato tecnológico considerado referência local, os equipamentos ainda são pouco ou subutilizados e que a escola necessita referenciar o estímulo, as ações pedagógicas em seu planejamento institucional.

Palavras-Chave: Tecnologia. Educação do Campo. Educação Tecnológica.

SILVA, Rachel Reis da. **EDUCAÇÃO DO CAMPO E O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**: um olhar sobre a estrutura e o funcionamento na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental João Bernardo Semeão, 2017. Monografia [Especialização em Educação do Campo], Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

RESUMEN

Nuestra delimitación en el objeto de estudio es investigar el uso de las tecnologías de forma multidisciplinaria, en cuanto a la estructura y funcionamiento, mezclando no sólo los conocimientos escolares, sino también los intereses y conocimientos previos de los estudiantes. El objetivo general se definió en: analizar cómo se están utilizando las tecnologías digitales en la escuela del campo Escuela Municipal de Educación Infantil y Enseñanza Fundamental João Bernardo Semeão. Buscaremos identificar y comprender cuáles son sus principales dificultades en relación al uso de las tecnologías. Nuestra investigación empírica se realiza en una escuela del sitio que es referencia en educación tecnológica en el municipio de Riachão do Poço, Paraíba. La metodología utilizada fue la investigación cualitativa, en cuanto a los instrumentos de recolección de datos utilizamos entrevistas con la gestora escolar y observación de las organizaciones curriculares en las prácticas pedagógicas de la escuela, inserta en territorio campesino. Nuestros análisis se realizan de forma descriptiva de los recortes seleccionados de la entrevista. En la contemporaneidad la tecnología, y todas las transformaciones traídas por ellas, han sido parte de la vida de las personas, y la escuela no puede ignorar ese hecho, y dejar de ver y de echar mano de tal situación, para complementar el proceso educativo. El uso de la tecnología puede sí reforzar el proceso educativo, a través de Internet los estudiantes pueden presentar como es su vida en el campo, sus intereses y apuntar deseos a una escuela que involucra su realidad. Las tecnologías aseguran la difusión rápida de materias didácticas y de información de interés de los profesores, padres y alumnos además de proporcionar la construcción interdisciplinaria de informaciones producidas individualmente o colectivamente por parte de los alumnos y el desarrollo colaborativo de proyectos por parte de alumnos pertenecientes a escuelas diferentes, sitios y comunidades geográficamente alejadas ayudando así a la información a trascender los límites territoriales impuestos por las paredes de un aula. Los resultados apuntan que a pesar de existir una estructura con aparato tecnológico considerado referencia local, los equipos todavía son poco o infrautilizados y que la escuela necesita referenciar el estímulo, las acciones pedagógicas en su planificación institucional.

Palabras clave: Tecnología. Educación del Campo. Educación Tecnológica.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CCP – Centros de Culturas Popular

CNBB – Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil

EFA – Escola Família Agrícola

ENERA – Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária

EMEIEF – Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MEC – Ministério de Educação e Cultura

MEPES – Movimento de Educação Popular do Espírito Santo

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Frente da EMEIEF João Bernardo Semeão
- Figura 2** - Momento da Educação Física
- Figura 3** - Sala de aula da educação infantil com televisão/DVD
- Figura 4** - Sala de informática/ biblioteca
- Figura 5** - Sala de Recursos e multimídias
- Figura 6** - Sala da coordenação que contém o *notebook* com a internet

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO RURAL À EDUCAÇÃO DO CAMPO	15
2.1.	A EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O CAMPO	17
2.2.	POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO	20
3	EDUCAÇÃO DIGITAL	23
3.1.	O PROFESSOR NA SOCIEDADE DIGITAL	25
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS	27
5	COMO AS TECNOLOGIAS DIGITAIS SÃO UTILIZADAS NA EMEIEF JOÃO BERNARDO SEMEÃO?	28
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE	
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O interesse nesse tema vem do desejo de dar continuidade às pesquisas feitas durante a graduação, onde pudemos observar que os alunos que participaram da pesquisa escreviam na escola de forma imposta e aprendiam com os professores a utilizarem as mídias digitais para produção de textos não no computador e sim no papel de acordo com o livro didático, muitas vezes com o único intuito de ser aprovado em provas de seleção como o ENEM, já os professores entrevistados utilizam as tecnologias, em sala de aula apenas para expor aula através da apresentação de slides.

Com base no que nos expõe Murano (2011), a internet não é algo ruim. Pelo contrário, é uma excelente ferramenta que pode auxiliar muito o professor. O que pode torna-la, eventualmente, prejudicial é a forma como é utilizada. Sem direcionamento e sem instruções qualquer tecnologia pode ser prejudicial à educação e formação de um indivíduo.

O aumento da acessibilidade que antes se restringia a alguns locais urbanos e hoje em dia já abrange grande parte da zona rural, também constituiu motivação para a apresentação de um projeto de pesquisa que discuta a ampliação desse horizonte não apenas para os alunos, mas também para os professores, através de uma educação/reeducação digital e do uso da tecnologia como forma de auxiliar no processo de ensino/ aprendizagem. Após todo o direcionamento adequado pretendemos utilizar o meio digital para divulgação das atividades feitas na escola e assim fazer a informação transcender os limites territoriais impostos pelas paredes de uma sala de aula.

Depois de leituras de pesquisas feitas em escolas, onde observa-se que além das tecnologias interferirem no desempenho e atenção dos alunos em sala de aula, também trazem implicações no uso da língua materna escrita na escola, da mesma forma que na internet chegando até a ser utilizado um novo termo para diferenciar este o modo de escrita. O que antes era dividido em escrita formal e informal agora possui uma nova nomenclatura o “internetês”.

O “internetês” se mostrou uma forma de escrita que surgiu da necessidade de se passar a mensagens o mais rápido possível ao seu receptor. Mas, ao longo do tempo ele tem sofrido várias modificações, pois cada emissor tem achado uma forma diferente de codificar sua mensagem, muitas vezes atrapalhando o

entendimento do receptor. Embora saibamos que também agiliza o processo de recepção, nada disto seria motivação para pesquisa se não fosse sua repercussão na sala de aula e a pouca interferência observada da sala de aula nas linguagens institucionais não escolares.

O uso da tecnologia pode sim reforçar o processo educativo. Por meio da internet os estudantes podem apresentar como é a sua vida no campo, seus interesses no assentamento e apontar desejos para uma escola que envolva a sua realidade. Assim, acreditamos que por meio da ressignificação do uso das tecnologias, podemos ter grandes mudanças.

Com o avanço das tecnologias e o aumento do uso das redes sociais por crianças e jovens, observamos a necessidade de formar professores preparados para a utilização desses meios de comunicação para o incentivo de sua utilização de forma benéfica e com cunho acadêmico. Uma questão fundamental a ser levada em consideração nesta investigação é a inserção do uso das tecnologias no cotidiano escolar de forma multidisciplinar e mesclando não somente os conhecimentos escolares, como também os interesses e conhecimentos prévios dos alunos. Com base nisso, indagamos: como as tecnologias digitais são utilizadas na EMEIEF João Bernardo Semeão? Porque a escola se tornou referência em tecnologias na região que esta inserida?

Dentro deste contexto, o objetivo geral desse Trabalho de Conclusão de Curso é o de analisar como vem sendo utilizada as tecnologias digitais na escola do campo EMEIEF João Bernardo Semeão.

Com base em Costa (2016, p.238) os educadores devem considerar também a pessoa de quem aprende:

[...] desafio cujo enfrentamento, ainda e até certo alcance, também perfaz algo de utópico, a começar pela raridade de linguagem a ser garimpada para comunicar algo aparentemente novo que, em boa medida, incide neste mesmo enfrentamento.

O educador, aqui posto quanto professor, deve aceitar esse desafio e constantemente se colocar no lugar de aprendiz, principalmente convivendo com o avanço das tecnologias, que a cada dia modifica um pouco e acrescenta sempre novos conhecimentos, além de respeitar o conhecimento de seus alunos que pode vir a contribuir nesse contexto.

Foi nesta direção que, inicialmente, visitamos a escola do campo EMEIEF João Bernardo Semeão e através de diálogo e entrevista com representantes da gestão, buscamos identificar quais eram as suas principais dificuldades com relação ao uso das tecnologias.

Num segundo momento, realizamos uma entrevista estruturada e buscamos observar as possíveis dificuldades e anseios dos gestores com relação às tecnologias digitais.

A fundamentação teórica de base para o estudo tomou como pressupostos as contribuições apresentadas, principalmente, por Citelli; Murano; e Costa.

Murano (2011) ele coloca que “a internet não deve ser vista como algo negativo, pois amplia nossas possibilidades de leitura”, assim como amplia a escrita também, devido à liberdade que nela é utilizada. Cabe ao professor saber utilizar esse instrumento para desenvolver suas atividades e ao mesmo tempo ensinar aos alunos qual a melhor forma de utiliza-la sem ferir e/ou interferir na forma que os mesmos escrevem na escola e muito menos no seu desempenho na mesma.

Sobre o uso das tecnologias pelos professores, vemos que, segundo Citelli (2004), uma das dificuldades que aparece no uso das tecnologias contemporâneas na escola diz respeito ao fato de que muitas das novas linguagens são desconhecidas ou apresentam complicadores operacionais para serem ativados, em decorrência da própria estrutura dos cursos de qualificação dos professores. Então, se o professor não tem uma qualificação adequada e não tem à sua disposição os materiais necessários, como acesso a internet e a um laboratório de informática para incentivar os alunos a usarem as redes sociais e informativas de forma dirigida, fica complicado pretender que ele utilize e incentive os alunos a utilizarem tais meios.

Todavia, é possível imaginar que escrever um e-mail sem utilizar um computador seria o mesmo que escrever uma carta; escrever em um blog sem internet uma produção textual livre e escrever um comentário sem rede social o mesmo que escrever um bilhete, isto nos mostra que é possível ensinar sem o uso do computador. Mas, por outro lado, isso não teria nenhum diferencial do que já é ensinado seguindo o roteiro do livro didático, em que tal diferencial chamaria atenção do aluno e poderia aumentar atenção e participação nas aulas, favorecendo a multidisciplinaridade, o que, somado aos interesses pessoais dos alunos, poderia auxiliar na compreensão dos conteúdos ensinados.

2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO RURAL À EDUCAÇÃO DO CAMPO

No segundo governo Vargas, a promulgação de uma nova Constituição dando ênfase ao nacional-desenvolvimentismo, confere para a zona rural, até então esquecida de projetos educacionais, atenção por parte de educadores, com a fundação da Sociedade Brasileira de Educação Rural, seguida de muitas propostas para erradicar o analfabetismo e ajustar a sociedade ao desenvolvimento.

O Brasil era, até então, um país agroexportador, mas no transcorrer da segunda guerra mundial houve a necessidade da implantação de um parque industrial, devido à escassez de produtos industrializados. Acontecem as primeiras manifestações de trabalhadores agrícolas, estabelecendo o estatuto do trabalhador rural. Sobre a questão agrária, o proletariado rural, posseiros, parceiros e assalariados buscam organizações para lutarem pela posse da terra. No que se refere a educação rural, mesmo com a lei orgânica do ensino agrícola, os cursos não despertam interesse e nem motivam o educando e o resultado não foi o esperado. Segundo Marinho,

Percebemos que a ideia não empolga muito e, considerando que o mercado de trabalho não era muito promissor, os cursos não cumpriram a função esperada, quem fazia os cursos, não se despertava para um trabalho na zona rural e os que habitavam na zona rural, normalmente, pensavam em outro tipo de atividade (2008, p. 82).

Como o problema mais urgente era diminuir o analfabetismo, os programas de campanha de educação para jovens e adultos tiveram mais incentivos. Assim, foi aprovada a criação da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), para a qual foi produzido material didático e treinamento de pessoal específico para alfabetizar este tipo de educando. O conteúdo programático consistia de leitura na primeira fase e capacitação profissional na segunda. Seria a salvação nacional contra o analfabetismo, ao mesmo tempo em que preparava mão de obra para a recente indústria. As campanhas, na verdade, tinham uma conotação propagandista do governo para mostrar que se estava fazendo algo em torno da educação, logo chegando ao seu final sem beneficiar o meio rural.

Mais adiante, a primeira Lei de Diretrizes e Bases para a educação (Lei nº 4.024/61) destacou apenas três artigos referentes à educação rural, num dos quais

determinava que os proprietários rurais que não tivessem condições para manter escolas primárias em suas terras, teriam que proporcionar ambientes para que as crianças pudessem beneficiar-se do ensino primário em outro lugar ou, do contrário, providenciar em suas terras um espaço para construção de escolas públicas. Neste contexto, certamente o professor também seria um contratado pelo fazendeiro, e consequentemente, todos estariam subordinados aos ditames do senhor da terra.

Na década de 1960, no contexto de movimentos sociais que emergiam, surge a figura de Paulo Freire, com sua proposta pedagógica transformadora, cuja primeira experiência se deu no Município de Angicos – RN, quando 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em quarenta e cinco dias, determinando a eficácia do método proposto por ele.

As propostas existentes para a educação rural, naquele contexto, visavam à preparação para o trabalho na fábrica e o esvaziamento do campo. No entanto, programas propostos são elaborados para diminuir esta desigualdade entre campo e cidade. Para isto, foram desenvolvidos os chamados projeto integrados, cuja finalidade não era apenas alfabetizar, mais promover o desenvolvimento de mão de obra para o campo, melhorar as condições de vida e estimular as comunidades, em ações sociais através do cooperativismo.

Entre tais projetos integrados, pode se registrar, para a região Nordeste, o Grupo de imigração do São Francisco, o Povoamento do Maranhão e o grupo de estudo do Vale do Jaguaribe e ainda o projeto para o Rio Grande do Sul (Sudesul). Pode se destacar ainda o papel do INCRA como órgão importante para a reforma agrária. Para alimentar estes projetos, O MEC propôs como metodologia analisar todo aspecto que envolve o homem do campo, para melhor planejar uma educação de acordo com a sua realidade para caracterizar detalhadamente toda problematização deste meio social, sua relação direta com a terra, as intempéries que atingem o meio produtivo, a mobilização social. Concluído o estudo, partiram para o planejamento tendo como princípios básicos a ascensão humana e social e respeito as características do meio rural, integração com outros setores como saúde e economia, a inovação e experimentação de currículos apropriados para esta parte, participação e valorização dos integrantes da comunidade (CALAZANS,1993).

As propostas idealizadas para os projetos educacionais para o meio rural, não se concretizam, devido a múltiplos fatores, tais como recursos financeiros,

treinamento de pessoal e principalmente vontade política. Tais fatores tornaram os programas desacreditados e não chegaram a uma realização por completo.

Outro elemento a destacar, no tocante às iniciativas no campo da educação rural diz respeito a Escola Família Agrícola- EFA, que teve como ponto de partida uma experiência na França e que se espalhou pela Europa. Sua repercussão no Brasil aconteceu através das lideranças comunitárias e da ação da Pastoral da Igreja católica e do Movimento de Educação Popular do Espírito Santo (MEPES). Estas experiências tinham como objetivo a formação dos jovens e adultos, a participação da família na integração afetiva, intelectual e consciência sócio política.

As EFAs alternavam o tempo na escola com as atividades do campo, ou seja, as alternâncias providenciais para que o aluno permanecesse na escola até o período sazonal da colheita ou nos trabalhos da comunidade.

Fig. 1 – Frente da EMEIEF João Bernardo Semeão



Fonte: dados coletados pela pesquisadora em nov/2017.

A EMEIEF João Bernardo Semão está localizada na Zona Rural, no Sítio Areia Branca I, município Riachão do Poço – PB, sua construção surgiu da necessidade enfrentada pelos moradores de se deslocar para levar as crianças para estudar, pois as escolas mais próximas se localizam a uma distância de mais de 5 km do sítio. A Comunidade atendida pela escola é formada por filhos de agricultores da região e para atender tal público a escola possui conteúdos curriculares flexíveis

e adaptáveis as suas necessidades, além de possuir excelentes aparatos tecnológicos que serão citados mais adiante.

2.1 A EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O CAMPO

O movimento de educação do campo no Brasil teve seu nascedouro na década de 90, com a realização do I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária (I ENERA), em Brasília, do qual resultou o documento chamado de “Manifesto dos educadores e educadoras da reforma agrária ao povo brasileiro”, fruto dos movimentos reivindicatórios de organizações e associações das lutas pela reforma agrária, tornando possível que uma educação do campo já estivesse em pleno andamento dentro dos assentamentos do MST, cuja prática foi reconhecida pela UNICEF. Dentro deste processo, o I ENERA já tinha um ponto de partida para futuros planos em torno de mais políticas públicas para o campo (KOLLING; NÈRY; MOLINA, 1999).

O movimento de Educação do Campo aspirava valorizar e evidenciar todo sujeito que se encontrava neste contexto sócio geográfico, valorizando sua ancestralidade para que tivesse seus direitos preservados. Ao mesmo tempo, lutava para facilitar o acesso e a participação na sociedade como um todo, com seus direitos assegurados e indicados na igualdade de oportunidades, direitos constituídos, assistência e manutenção para sua permanência e sobrevivência no campo. A proposta do ENERA era de fato tirar o estigma de que o homem do campo estaria destinado a ser sempre dependente e submisso ao sistema político.

Em Julho de 1998, em Luziânia-GO, aconteceu a Iª Conferência Nacional por uma Educação do Campo, com a participação do MST, UnB, UNICEF, CNBB e UNESCO. Este expressivo evento, muito importante para todos os educadores e militantes dos movimentos sociais em luta pelo campo, foi também um marco histórico sobre o fim do ruralismo pedagógico, cujo objetivo era manter o controle da exploração sobre o homem do campo.

Foram debatidos nesta conferência os problemas referentes ao campo, na infraestrutura principalmente das escolas do campo, na formação dos professores, que em sua maioria era leiga, no alto índice de analfabetos, no currículo descontextualizado das especificidades do campo, do problema com transporte, do descaso do poder público e o mais grave a falta de financiamento.

Percebemos, nesta Primeira Conferência, o desejo de construir os alicerces de uma construção concreta de um conjunto de metas entre movimentos sociais e instituições para o desenvolvimento do campo brasileiro, em bases sólidas e economicamente equitativo. Na discussão da materialidade da compreensão da origem de Educação do Campo, Caldart (2012, p.261) apresenta uma concepção sobre educação do campo nestes termos:

Ainda que a Educação do campo se mantenha no estrito espaço da luta por políticas públicas, suas relações constitutivas a vinculam estruturalmente ao movimento da questão agrária, de projetos de agricultura ou de produção no campo, de matriz tecnológica, de organização do trabalho no campo e na cidade...E as disputas se acirram ou se expõem ainda mais quando se adentra o debate de conteúdo da política, chegando ao terreno dos objetivos e da concepção de educação, de campo, de sociedade, de humanidade.

Na história da educação do campo, os sujeitos históricos, sociais, conectivos e interativos trabalham em conjunto, envolvidos em todas as questões relevantes que buscam respeito e reconhecimento e que tecem uma relação de igualdade social, respeito às diferenças, sem superioridade, mas de integração, de parcialidade cooperativa entre seus indivíduos. Neste entendimento, a educação torna-se fundamental para a superação do viés explorador, da opressão, das injustiças e da exclusão da população que vive no campo.

Nesse sentido, os fundamentos de uma proposta de educação precisam ser amplamente difundidos e discutidos pelos professores e gestores que atuam em escolas, em particular no campo, no sentido de compreender a sua problemática específica, contribuindo para repensar a prática pedagógica que nelas se desenvolve.

A organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo requer, pois, do (a) educador (a), uma formação que favoreça a compreensão do processo educacional, de modo a entender a importância da seleção de determinados temas significativos para os sujeitos da ação pedagógica.

Os aspectos específicos que devem constar nas propostas de formação desses educadores, seja inicial ou continuada, estão contemplados na discussão e na reflexão dos Princípios Pedagógicos da Educação do Campo que são: a) o papel da escola enquanto formadora de sujeitos articulada a um projeto de emancipação humana; b) a valorização dos diferentes saberes no processo educativo; c) os

espaços e tempos de formação dos sujeitos da aprendizagem; d) o respeito à temporalidade do homem do campo; e) o lugar da escola vinculado à realidade dos sujeitos, e por fim, f) a Educação do Campo como estratégia para o desenvolvimento sustentável (MEC, 2004).

Fig. 2 – Momento da Educação Física



Fonte: dados coletados pela pesquisadora em nov/2017.

O papel da escola, como formadora de sujeitos, articula-se a um projeto de emancipação humana, pautada em uma concepção de respeito à cultura e à história de vida de cada camponês. Portanto, emana de um currículo que incorpora a diversidade do campo como pode ser visto na figura 2 uma imagem que retrata o momento da prática educativa esportiva e reflete um tipo de liberdade, pela forma que a escola se configura, sendo constituída de um currículo que se adéqua a realidade do sítio em que está inserida.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Na II Conferência nacional de Educação do campo, mais avanços foram sentidos na efetivação de etapas para garantir os direitos dos povos do campo, inclusive neste contexto, ribeirinhos, extrativistas, indígenas quilombolas e camponeses em geral. Na pauta, a defesa da agricultura familiar e nas urgências da

educação do campo para o campo, num processo contínuo para defender e fazer valer estes processos nas Conferências, Encontros, Seminários e Congressos. Debate-se e reafirmou-se a defesa destes direitos, contando com as aspirações dos educadores e intelectuais comprometidos, e decididamente empenhados em fortalecer os marcos já alcançados nas leis educacionais e nas práticas educativas. Os caminhos e as pretensões nascidos na conferência apontam para o reconhecimento do Estado, através das políticas públicas, onde as Secretarias e os órgãos responsáveis pela Educação atendam às necessidades das escolas do campo, com todos os recursos concernentes à sua manutenção e funcionalidade imprescindíveis a formação dos sujeitos em seu local (KOLLING; NÈRY; MOLINA, 1999).

Propõe ainda, a importância da forma como devem ser tratados os costumes a vivência entre estes sujeitos, sua maneira de socialização, aprendizagem, produção e como se relaciona culturalmente com os diferentes, as tecnologias e os processos educativos. Tendo em mãos estas especificidades, as políticas públicas devem considerar de modo abrangente, as medidas para o aceleração do diálogo entre os que defendem o campo como território de lutas através dos movimentos sociais e o Estado e os órgãos governamentais, que até recentemente ignorava os destinos dos povos do campo, sem cogitar das suas prioridades (KOLLING; NÈRY; MOLINA, 1999).

O acúmulo de conhecimento no movimento social fortaleceu o interesse público no embate com o interesse estatal (SOUZA, 2006, p. 1092). Muitos dos projetos para melhorias no campo foram devidos ao esforço conjunto do conhecimento acumulado dos movimentos sociais contra o Estado e o sistema capitalista, principalmente no item educação.

A escola do campo e para o campo vivenciada pelos ideais do movimento conscientiza a todos primeiramente sobre os direitos sobre ela pela relação dos saberes entre o homem e a natureza e esta relação estendida ao mundo em seu redor, globalizado e automatizado. Neste contexto, os movimentos sociais, em termos educacionais, divergem da concepção da educação rural, expressa na ideologia governamental do início do Século XX, cuja proposta era que o homem devia permanecer no campo, mas sem a preocupação de alfabetizá-lo ou fornecer melhorias nas suas necessidades.

Neste sentido, a educação para o campo demorou para ser reconhecida sua importância e precisou que movimentos sociais e lideranças no campo alavancassem projetos para que fossem vistos e incluídos nas diretrizes educacionais. Assim, ao longo das mudanças políticas, foram surgindo as políticas públicas para atendimento deste segmento:

Tanto o Pronera quanto a Residência Agrária e as licenciaturas em Educação do Campo orientam as ações formativas nos cursos que se desenvolvem com base em uma perspectiva crítica de educação, a qual não admite uma concepção de educação apartada de um projeto de ser humano e de sociedade que se almeja construir (TAFARE; MOLINA, 2012.p. 575).

Notadamente, o progresso na consolidação destes marcos legais, tem avançado em todos os setores, embora permaneça um *déficit* social presente e constante. Mesmo diante de um sistema econômico excludente, não existe uma distribuição igualitária da riqueza, o que gera desníveis sociais marcantes e dificuldades sociais nas quais o poder político se omite nas chamadas políticas sociais, que de fato são projetos empresariais, para favorecer o próprio capital e porque vem da tributação convertida em capital estatal sendo a fonte a própria classe trabalhadora (LANZARA, 2012).

A educação do campo se fortalece por meio de uma rede social composta pelos sujeitos coletivos que trabalham com educação do campo e que dele se aproximam (SOUZA, 2006, p.1098) e, através do pensamento coletivo, obtém as ações através das lutas e dos comprometidos nesta transformação, órgãos públicos, associações, ONGs, sindicatos e universidades, trabalham em projetos para superar os entraves na concretização de uma educação para o campo, diferenciada e pautada no conhecimento dos sujeitos, respeitando as necessidades de etnias e gênero. Embora a sistematização do ensino ainda esteja embasada em conceitos urbanos, novas propostas curriculares poderá superar a dicotomia urbano-rural que ainda permeia o ensino-aprendizagem.

Todavia, a produção educacional do MST não chega às escolas (SOUZA, 2006, p.1100). O planejamento, os conteúdos e o processo de aprendizagem para o campo, obviamente necessitam de reformulações em todos os sentidos. Educadores, pesquisadores em suas práxis, efetivamente terão que direcionar a educação do campo para aprofundar a compreensão deste conhecimento para

formar orgânica e intelectualmente esta sociedade, para que ela possa superar os comuns obstáculos da suplantação hegemônica.

Com relação a utilização das tecnologias digitais na educação do campo vemos que as crianças e jovens chegam às escolas com experiências de vida extremas, retratadas em suas vozes, falas, corpos, linguagens e culturas (ARROYO, 2013). O que nos leva a refletir sobre a problematização do papel das tecnologias digitais nas escolas do campo que demanda dois movimentos importantes: primeiro, conhecer e legitimar as reivindicações dos atores aos quais se voltam essas propostas. Segundo, buscar o conhecimento já acumulado sobre o papel das tecnologias na educação, seja no contexto das escolas do campo, onde as abordagens são ainda incipientes, como também nas escolas da cidade.

3. EDUCAÇÃO DIGITAL

As tecnologias vêm se tornando algo cada vez mais presente no cotidiano da sociedade da informação e do conhecimento a qual estamos inseridos, mas nem sempre podemos afirmar que tal informação é gerada de uma fonte de conhecimento e por isso alguns pais e instituições educativas não se propõem a investir em uma educação digital. Nesta perspectiva,

Educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam se uma atuação efetiva na produção de bens e serviços tomar decisões fundamentadas no conhecimento operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas (TAKAHASHI, 2000).

Assim, a formação de nossas crianças e jovens deve buscar torná-los capazes de “aprender a aprender”, para que possam acompanhar de forma satisfatória as transformações tecnológicas constantes e aceleradas, formando assim indivíduos capazes de utilizar suas habilidades tecnológicas de forma segura, responsável e eficiente, ao mesmo tempo em que ampliam sua criatividade transformando simples ideias em realidade ao utilizar ferramentas tecnológicas. É preciso considerar que:

A atração que as novas tecnologias exercem sobre todos - de formuladores de políticas e implementadores de infraestrutura e aplicações de tecnologias de informação e comunicação até usuários de todas as classes e idades – pode levar a uma visão perigosamente reducionista acerca do papel da educação na sociedade da informação, enfatizando a capacitação tecnológica em detrimento de aspectos mais relevantes. Pensar a educação na sociedade da informação exige considerar um leque de aspectos relativos às tecnologias de informação e comunicação, a começar pelo papel que elas desempenham na construção de uma sociedade que tenha a inclusão e a justiça social como uma das prioridades principais (TAKAHASHI, 2000).

Quando falamos em inclusão social, observamos a necessidade de uma formação para a cidadania, pois o avanço das tecnologias de informação fomenta a necessidade do aumento da transparência de políticas e ações do governo, assim, estimulando os cidadãos a serem politicamente ativos. Vale salientar que formar cidadãos significa capacitar pessoas para escolherem de forma mais informada e

assim tomar decisões que poderão afetar suas vidas e de toda a sociedade. Com o auxílio das informações e o conhecimento adquirido a partir delas o sujeito tende a elevar seu parecer crítico sobre s eventos políticos e econômicos. Por outro lado,

As tecnologias da mídia e do computador estão criando mudanças dramáticas que produzem uma exploração de retórica e que exaltam ao extremo os benefícios da supervia informacional em que se supõe que indivíduos consigam dados e entretenimento a seu dispor, insiram-se em novas comunidades virtuais e até mesmo criem novas identidades (BRENNAND,2004).

Com isso, crianças e jovens precisam aprender algumas habilidades como a de gerenciar uma identidade *online* e *off-line* com integridade, o que fortalece a sua identidade e cidadania digital. Faz-se necessário organizar e gerenciar seu tempo em frente à tela e assim administrar os horários de estudar, jogar *online* ou *off-line* e redes sociais; identificar *cyberbullying* e proteger seus dados, sabendo lidar discretamente com todas as informações que devem ser compartilhadas, trabalhando assim sua empatia e pensamentos críticos.

As tecnologias asseguram a difusão rápida de materias didáticos e de informação de interesse dos professores, pais e alunos, além de proporcionar a construção interdisciplinar de informações produzidas individualmente ou coletivamente por parte dos alunos e o desenvolvimento colaborativo de projetos por parte de alunos pertencentes a escolas diferentes, sítios e comunidades geograficamente afastadas, auxiliando assim informação a transcender os limites territoriais impostos pelas paredes de uma sala de aula.

O hipertexto é um paradigma tecnológico que liberta o usuário e permite a reinvenção da própria natureza e materialidade das velhas tecnologias informacionais. O uso da tecnologia pode reforçar o processo educativo. Vemos isso no texto de Murano (2011), no qual o autor coloca que “a internet não deve ser vista como algo negativo, pois amplia nossas possibilidades de leitura”, assim como amplia a escrita também devido à liberdade que nela é utilizada. Cabe ao professor, reiteramos, saber utilizar esse instrumento para desenvolver suas atividades.

Sobre essa questão, Crystal (2005, p.92) assinala que:

O fato de que alguns garotos possam começar a usar suas abreviações em lugares onde elas não têm qualquer propósito – como em redações escolares – deve ser vigiado, naturalmente. Mas é isso que a escola precisa fazer. Tem sido um princípio do ensino moderno de língua – seja estrangeira ou língua

materna – inculcar nas crianças um senso de responsabilidade e propriedade linguísticas. E as crianças precisam ser ensinadas – se não desenvolverem essa intuição espontaneamente – que as abreviações nas mensagens de texto desempenham uma função útil, onde o espaço é pequeno e a rapidez um fator crítico, mas não em outros lugares.

A interatividade na linguagem computacional tem um significado diferente para quem lida com a educação, pois quando nos referimos à interatividade computacional estamos falando da interface de um *site* ou *home-page*. Já na linguagem da educação, interatividade está ligada à mediação que um software educativo oferece aos alunos quando se faz uso do computador.

3.1 O PROFESSOR NA SOCIEDADE DIGITAL

O papel do professor no atual estágio da sociedade é identificar uma multiplicidade de ações diferentes para a mesma função. Uma maneira de refletir sobre este aspecto é a dificuldade de se manter o lado artesanal da função planejada dia após dia, transformada a todo instante em meio às circunstâncias de cada turma. Por outro lado, a sociedade discute o ato de ensinar não apenas como função deste profissional e amplia esta função ao ensino de da utilização plena de bons programas eletrônicos. Acerca desta questão,

Apesar das dificuldades inerentes à profissão, o que vemos no cotidiano das universidades é o crescente número de professores em busca de novos conhecimentos; professores que enchem as salas dos cursos de atualização, participam de seminários, simpósio e congressos, compram livros e estudam espontaneamente. Professores que desejam mudar à sua maneira de ensinar, que querem se adaptar às exigências educacionais e a cultura dos novos tempos (CASTRO, 2016).

Os professores estão cada vez mais preocupados em adequar-se ao ritmo das mudanças e a aprender a manusear as tecnologias digitais que os auxiliam a estimular as crianças e jovens a se interessarem mais pela interatividade. Eles sabem que o papel do professor se altera com o avanço da nova sociedade digital, o que além de conquistar as crianças e jovens e incentiva-los a aprender, deve ser um agente transformador na sociedade em que vivemos. O educador não deve ficar estagnado, somente nos livros didáticos, o que pode se tornar desinteressante para os alunos.

Sendo assim, o educador deve buscar ser não somente um agente de memória educativa, mas também um agente de memória na sociedade digital. Deve propor questionamentos e refletir sobre assuntos diversos e atualizados, utilizando o senso crítico em seus comentários e estimulando as crianças e jovens a refletirem sobre tais assuntos, proporcionando assim um espaço de trocas de novos aprendizados na esfera escolar. Noutras palavras,

O papel do professor em todas as épocas é ser arauto permanente das inovações existentes. Ensinar é fazer conhecido o desconhecido. Agente das inovações por excelência o professor aproxima o aprendiz das novidade, descobertas, informações e notícias orientadas para a efetivação da aprendizagem (CASTRO, 2016).

Os alunos necessitam de ancoragem para o conhecimento que recebem do lado de fora da escola e o professor é também um dos sujeitos capazes de auxiliar nesta ancoragem, pois em sala de aula temos uma diversidade de conhecimentos, assim como nas redes sociais e o professor antes de tudo deve ser uma gente de transformação.

4. CAMINHOS METODOLÓGICOS

O *lócus* da nossa pesquisa empírica foi uma escola do campo que é referência em educação tecnológica no município de Riachão do Poço, Paraíba. A escola é denominada EMEIEF João Bernardo Semeão.

Metodologia é, de acordo com Minayo (2003, p. 16) “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Caminhos que necessitam serem refletidos nos aspectos das teorias e das técnicas de coleta e de análise dos dados. É na metodologia que nos inspiramos para a escolha dos critérios que nos fazem escolher fontes e instrumentos, um exercício objetivo e subjetivo, nessa busca entre o método e as técnicas.

A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa. Segundo Richardson (1999), a essência da pesquisa qualitativa:

Pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos. (RICHARDSON, 1999, p. 90).

Quanto aos instrumentos de coleta de dados utilizamos a **entrevista estruturada** com a gestora escolar e **observação** das organizações curriculares nas práticas pedagógicas da escola, inserida em território camponês.

Compreendemos que a entrevista estruturada é um instrumento no qual “as perguntas são feitas a partir de um formulário com perguntas previamente estruturadas” (COSTA & COSTA, 2012, p. 50).

A escola que constituiu o universo deste estudo só possui uma gestora. Portanto, o universo e a amostra a representação de um único sujeito. Em pesquisas qualitativas, esta quantidade não coloca em risco os resultados, pois a entrevista já é um recurso utilizado para um número restrito de pessoas. No entanto, tivemos que recorrer, para a busca de completudes investigativas, à observação, como poderá ser observado na relação entre as fontes iconográficas (imagens) e a análise descritiva dos dados. Nossas análises foram realizadas de forma descritiva, dos recortes selecionados da entrevista com breves análises complementares das observações.

5 COMO AS TECNOLOGIAS DIGITAIS SÃO UTILIZADAS NA EMEIEF JOÃO BERNARDO SEMEÃO?

Buscaremos responder ao questionamento que dá título a este capítulo a partir da entrevista estruturada que realizamos com atual Gestora da Escola. Iniciamos nossa conversa falando sobre os equipamentos tecnológicos existentes na instituição. Acerca da questão, a mesma informou que a escola:

Possui, e estão dispostos da seguinte forma ar condicionado em todas as salas, sete computadores sendo cinco no Laboratório de Informática/Biblioteca e dois na sala de recurso aonde os últimos possuem duas impressoras a disposição para fazer copia das atividades trazidas pelos professores, um *notebook* este com internet, possui também *data show*, lousa digital interativa e duas TVs e DVDs que ficam dispostas nas salas de aula. (Entrevistada)

Observamos que a escola possui um bom aparato tecnológico, o que nos leva a refletir se todos esses equipamentos estão em pleno funcionamento. A esse respeito, assim nos respondeu a gestora:

Não, os computadores do laboratório de informática estão desativados por falta de formatação, os professores querem usar mais precisa que venha alguém da Secretaria de Educação para fazer a manutenção dos equipamentos. A escola foi contemplada ano passado na gestão anterior com uma lousa digital interativa, mas ele encontra-se guardado, pois segundo a gestora não basta ler o manual o ideal é uma formação específica para o uso do aparelho, já que o mesmo pode possuir algumas funções que podem ser utilizadas de forma diferenciada e quais as melhores maneiras de ser utilizado, já que duvidas poderão surgir e nada melhor do que alguém que já trabalhou com o equipamento para responder com maior domínio (Entrevistada).

Neste caso, podemos observar que o uso de algumas das tecnologias disponíveis passa por dificuldades, seja por falta de manutenção ou desgaste natural do tempo vistos *in lócus*, ou por falta de uso, o que possivelmente será o futuro da lousa digital que se encontra guardada por insegurança quanto à sua utilização. O que nos trouxe a indagação acerca da existência, na escola, de algum profissional que trabalhe especificamente com estes equipamentos ou se há formação continuada destinada à utilização das tecnologias digitais em forma de estudo. De acordo com a gestora,

Não há ninguém que saiba mexer nesses equipamentos na escola e não temos professor de Informática além de também não possuímos Formação Continuada com este tema então o que penso que falta no nosso caso é uma formação adequada para sabermos usar os equipamentos e até para auxiliar nas aulas utilizando estas tecnologias (Entrevistada).

Nossa reflexão, no tocante à falta de formação continuada com ênfase no uso das tecnologias digitais, se encaminha para a valorização do professor como pessoa. Pessoa esta que lida em todas as fases com crianças, jovens e adultos, mediando interações comunicativas no ato de ensinar e aprender. Quando este professor recebe uma formação adequada ele é ensinado a ensinar e com isso também aprende.

Então chegamos aos parâmetros utilizados para uma melhor organização com relação aos projetos aplicados na escola e a reunião dos elementos elencados no Projeto Político Pedagógico. Observamos, no referido projeto pedagógico, a falta de projetos utilizando as tecnologias digitais e a desatualização do mesmo, que foi revisado em 2008, pela ultima vez. A esse respeito, a gestora coloca dificuldades que atribui ao fato de ter assumido a gestão da escola somente este ano e ter ocorrido problemas com funcionários para a não atualização do projeto político-pedagógico.

Podemos observar, no quadro abaixo, algumas imagens referentes à estrutura tecnológica da escola:

Fig. 3 - Sala de Aula da Educação Infantil com Televisão/DVD



Dados da observação:

Uma sala ampla e climatizada com os recursos de TV e DVD disponíveis para a reprodução de atividades como filmes, slides e vídeo-aulas.

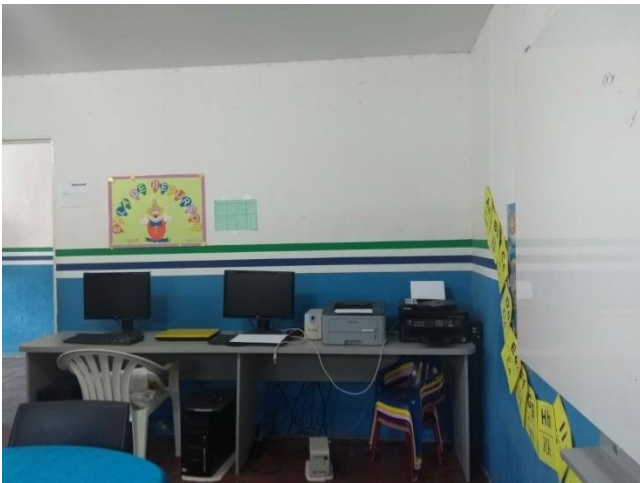
Fig. 4 - Sala de Informática/ Biblioteca



Dados da observação:

A sala de informática também é climatizada. No entanto, a mesma é subutilizada, enquanto sala específica para o laboratório, com fins de pesquisa e aulas práticas de informática. Pois, a mesma, em um dos horários foi transformada em sala de aula.

Fig. 5 – Sala de Recursos e Multimídias



Dados da observação:

A sala de recursos, igualmente, climatizada. A mesma oferece atendimento às crianças especiais com a chamada tecnologia assistida.

Fig. 6 – Sala da Coordenação que contém o Notebook com a Internet



Dados da observação:

A sala da coordenação é o espaço reservado para as pesquisas dos docentes e contempla um computador com *notebook*. Por sinal, a única que tem o sinal da internet, já que o *wi-fi* foi retirado.

Acerca dos recursos tecnológicos existentes na escola, a exemplo do *data show*, nos foi informado que o mesmo é utilizado poucas vezes pelos professores . Normalmente seu uso é mais direcionado para reuniões. Já a TV e o DVD são utilizados com frequência inclusive na Educação Infantil. A escola possuía rede *wi-fi*, só que o aparelho quebrou e a pessoa responsável colocou um equipamento mais lento e que às vezes não abre os sites.

Em contrapartida, a escola se tonou referencia em tecnologias na região que está inserida, porque nela se encontram diversos equipamentos tecnológicos já citados acima. De acordo com as informações fornecidas pela gestora, a escola conseguiu estes equipamentos a partir de uma doação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, mas infelizmente as gestões anteriores não souberam manter os equipamentos em pleno funcionamento. A gestão atual está buscando auxilio junto a Secretaria Municipal de Educação para que os materiais possam finalmente ser utilizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos esta investigação, enfatizando a importância desta pesquisa, no sentido de se levantar uma reflexão sobre como a escola tem utilizado os seus recursos tecnológicos, levando-se em consideração os aspectos da vida digital e das novas tecnologias de informação e comunicação que cada vez mais têm se apresentado de forma bastante significativa, presentes na vida das pessoas.

Entendemos que o aparato tecnológico hoje existente vai facilitar a vida das pessoas, já que o mundo atual necessita cada vez mais de avanços no campo das tecnologias e seus recursos. Hoje a tecnologia, e todas as transformações trazidas por elas, tem feito parte da vida das pessoas, e a escola não pode ignorar esse fato, e deixar de lançar mão de tal recurso, para complementar o processo educacional. A escola precisa incluir e não excluir os indivíduos, e para isso, ela precisa também incluir e se incluir nesta era tecnológica que estamos vivenciando, para assim propiciar que os alunos de fato estejam preparados para lidar com tais transformações que fazem parte da sua vida pessoal e que devem também fazer parte da sua vida escolar.

Quando pensamos, por exemplo, nas redes sociais, que é um ambiente que quase todos possuem acesso, pois cada vez mais está tem sido uma ferramenta de comunicação entre as pessoas, devemos ter cuidado com nossas crianças e jovens para que estejam preparados para tudo que advém deste avanço como, por exemplo: preconceitos, *cyberbullying* e relacionamentos virtuais abusivos. Com o auxílio da escola, a partir da mediação desenvolvida por professores capacitados, podemos alertar e até modificar tais atitudes, pois entendemos que é preciso levar o aluno à compressão, à reflexão e à criticidade de como interagir e administrar tais situações.

Infelizmente, o resultado da pesquisa nos mostrou que isto não tem ocorrido e a escola tem se mantido afastada desta realidade. A qualidade do ensino tem muito haver com a estrutura, com equipamentos e com a disponibilidade de recursos, sobretudo os tecnológicos. Mas a efetividade de sua utilização depende, sobretudo, de direcionamento pedagógico. Se esse direcionamento não está ocorrendo, e isto associado ao uso inadequado dos recursos tecnológicos, que estão sendo subutilizados, há um indiscutível prejuízo na aprendizagem dos alunos.

Esta pesquisa nos revelou o quanto ainda é preciso se avançar neste processo, quanto ao do entendimento de que os recursos tecnológicos se apresentam de variadas formas e que tais formas precisam ser trabalhadas pela escola. É preciso que a escola utilize as tecnologias, não só por utilizar, mas fazendo com que os alunos saibam utilizá-la, com propósito e em favor de sua própria aprendizagem.

Mais uma vez, deixamos claro, que entendemos o quanto é difícil superamos os desafios do processo educacional como um todo, mas a escola precisa seguir buscando avançar. Não é ignorando, ou fazendo de conta, que conseguiremos de fato oferecer um ensino de qualidade, que atenda às necessidades dos alunos e também da nossa sociedade, no sentido de gerar transformações.

Como apresentamos nesta pesquisa, os recursos tecnológicos nos últimos tempos, com todas as evoluções da era digital em que vivemos, sofreram muitas mudanças e evoluções. Há inúmeras possibilidades de se trabalhar com TVs, tablets, data-show, vídeos e o próprio aparelho celular no fazer educacional, nas atividades de pesquisa e de reflexão.

A escola não pode fugir desta realidade. Pelo contrário, necessita cada vez mais buscar o entendimento acerca dessa nova linguagem que tem surgido e trabalha-la em sala de aula, para que os alunos possam se apropriar corretamente destes recursos, assim como saber utilizá-los adequadamente. Para tanto, o debate sobre a formação de professores no processo tecnológico é mais do que necessário. Esta constatação adveio de nossas observações, bem como, da fala recorrente da nossa entrevistada.

A partir destas aprendizagens investigativas é que esperamos que novas problemáticas possam ser inquietações de estudos futuros e uma delas consiste em aprofundar no debate sobre formação de professores em novas tecnologias educacionais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

BERNARDO, Kaluan. HABILIDADES DIGITAIS. Disponível em:
<https://www.freetheessence.com.br/inovacao/educacao/conheca-as-8-habilidades-digitais-que-criancas-precisam-aprender/> Acessado em 28/11/2017

BRASIL. Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. In: **BRASIL-MEC-SECAD**. Brasília, DF, 2007.

BRENNAND, Edna; GALVÃO, Neuma. **Múltiplos saberes e educação**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2004.

CALAZANS, M. Julieta Costa. **Para compreender a educação do estado no meio rural. Traços de uma trajetória**. In: TERRIEN, Jaques; CALAZANS, M. Julieta Costa. Educação e Escola no campo. Campinas: Papirus, 1993

CALDART, Roseli Salete. **Dicionário da Educação do Campo**. (Verbete). Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2012.

CASTRO, Amelia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensinar a Ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2016.

CITELLI, A. Educação e mudanças: novos modos de conhecer. In: **Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

COSTA, Antonio Roberto Faustino da; BERGAMO, Pedro; LUCENA, Roberto Marden. A utopia em questão: desalheamento educacional à objetividade. In: SOUSA, Cidoval Moraes de (Org). **Um convite à utopia**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2016. (coleção Convite à Utopia; v.1).

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de Pesquisa**: entenda e faça. 3 ED. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

KOLLING, E. J; NÉRY, I. J; e MOLINA, M. C; **Por uma educação básica do campo (memória)** / Organização: Edgar J. Kolling; Irmão Israel José Néry e Mônica C. Molina. Coleção Por uma Educação Básica do Campo, n.º 1.– Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999.

LANZARA, Arnaldo Provasi. **A Construção Histórica do Estado Social no Brasil e no Chile: Do Mutualismo ao Seguro**. Tese apresentada em IESP/UERJ. Rio de Janeiro, 2012

MARINHO, Ernandes Reis. **Um olhar sobre a educação rural brasileira**. Brasília: Ed. Universa-UCB. 2008.

MURANO, Edgard. **O texto na era digital**. Língua Portuguesa, ano 5, n. 64, fev. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento econômico**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação do Campo**: Políticas, Práticas pedagógicas e produção científica. Edu.Soc. Campinas. Vol.29 n. 105 p. 1089-1111, set/dez 2008.

TAKAHASHI, Tadao. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde / organizado por Tadao Takahashi. – Brasília. Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA

- ❖ A escola possui equipamentos tecnológicos, como por exemplo, TV, DVD, Data Show, Laboratório de Informática?
- ❖ Quais os que possuem?
- ❖ Como são utilizados esses recursos?
- ❖ Existe Professor específico para utilização? Outros fora ele usam esses recursos?
- ❖ Tem atividades contempladas no Projeto Político Pedagógico utilizando esses recursos?
- ❖ Tem formação para os professores explicando como, quando e por que utilizá-los?
- ❖ Existem atividades efetuadas com o uso dos celulares?

APENDICE B – OUTRAS FOTOS DA ESTRUTURA DA ESCOLA

Sala da Educação Infantil (Novo Anglo)



BIBLIOTECA



Porta da Biblioteca/ Lab Info



Turma multi seriada 2º e 3º ano

